

A prorrogação do prazo do jogo

Ao regulamentar o jogo, o Governo estabeleceu, pelo § 5.º do Art.º 3.º do Decreto N.º 14.643, que:

«Nas zonas de jogo temporario, este terá o seu inicio em 1 de Maio para terminar em 31 de Outubro de cada ano».

Porém, tendo reconhecido que para algumas zonas era demasiado pesada tal obrigação e que para outras era insufficiente, tem consentido aquélas a redução desse período e a estas o seu alargamento.

Assim, acaba de publicar o Decreto N.º 20.438 prorrogando por mais um mez, como já fizera no ano passado, o funcionamento dos Casinos nas zonas que para isso tenham capacidade.

Desta prorrogação e da do ano passado apenas aproveitaram a Povoia do Varzim e Espinho, por serem as unicas zonas que teem capacidade do jogo para além dos seis meses, ficando assim mais uma vez provado que não é a existência de Casinos que provoca o jogo, mas sim este que determina a existência daquêles, não havendo, por isso, nenhuma outra empresa concessionaria que quizesse ter o respectivo casino aberto sem capacidade para tal.

Portanto, por mais ampla que seja a prorrogação do período de funcionamento das zonas temporarias, só funcionarão os casinos que para isso tenham capacidade e apenas pelo tempo por que a tenham e, esse seu funcionamento, é precisamente o cumprimento da missão para que foram creados e a unica razão da sua existência.

Nas zonas em que se esgote a capacidade do jogo, não carece a moral publica que os casinos continuem abertos, razão por que o Estado reduziu, e muito bem, o período obrigatorio do seu funcionamento, evitando assim as respectivas empresas, de que o Estado é acionista, sem prejuizo das suas receitas, despesas improductivas que poderiam, até, arrastar-las á ruina.

Mas, naquelas em que a haja o Estado deve estabelecer que os Casinos funcionem, não por mais um mez, mas por tanto tempo quanto aquele para que tenham capacidade, porque é no sentido do espirito da Regulamentação:

- 1.º—impedimento do jogo clandestino, que, aonde existir capacidade, logo surge, mal feche a zona;
- 2.º—aumento de receita para o Estado;
- 3.º—desenvolvimento do turismo e da localidade.

O funcionamento dum casino de jogo é hoje um serviço publico e como tal tem que ser desassombradamente encarado, tal qual o foi, pelo Governo ao regulamenta-lo.

Fechar-se um casino aonde ou enquanto haja capacidade e jogo, equivale a restabelecer-se, automaticamente, o estado immoral anterior á Regulamentação, pois logo surge o jogo clandestino com todos os seus inconvenientes e com prejuizo de todos os beneficios que ela estabeleceu.

O fim na Regulamentação foi drenar o jogo, nas regiões onde ele existisse, para os casinos onde ele funcione, debaixo da fiscalização do Estado, saneando a moral publica, constituindo-o instrumento de turismo e tirando dele importantes receitas.

Por isso, tão necessario é o funcionamento dum Casino por 4, 5 ou 6 meses, numa zona aonde só exista qualquer dessas capacidades, como o é por 7, 8 ou mais meses naquelas em que pela sua capacidade se torne necessario o serviço publico para que foram creados.

Por isso, deve o Estado estabelecer que os casinos das zonas temporarias, funcionem consoante a sua capacidade, porque só assim ficarão, preenchidos cabalmente os fins morais e materiais da Regulamentação e mantidos os principios estabelecidos de moralisar, aproveitar e desenvolver todos os elementos vitais da nação.

O contrario. Equivaleria negar-se á C. P., por exemplo, a formação de mais comboios que, por aumento de passageiros ou mercadorias, se impuzesse, com prejuizo do serviço publico a seu cargo, das receitas do tesouro publico, do pessoal neles empregado e ainda das localidades que serve.

Seria até interessante que as receitas extraordinarias do alargamento pedido, com as quais Sua Excelencia o Ministro das Finanças não contava para os seus orçamentos, revertessem a favor da Camara Municipal, para poder levar a efeito varias obras urgentes de utilidade publica, como aguas, esgotos e urbanização do Concelho, transformando assim Espinho numa verdadeira zona de turismo que se impuzesse internacionalmente, para o que lhe não faltam privilegiadas condições.

CRÓNICA da SEMANA

MUSICA CELESTIAL

O conflito ora suscitado entre o Japão e o ex-Imperio Celeste vem demonstrar, uma vez mais, que os rouxinóis da Sociedade das Nações, a respeito de musica, nada mais sabem que a musica celestial.

A China, formidavel nos seus onze milhões de quilómetros quadrados de superficie, incluindo as provincias exteriores, e poderosa nos seus quatrocentos milhões de habitantes, propriamente considerados filhos do Ceu, é um fruto tentador que o Japão, propriamente dito, apertado em menos de quatrocentos mil quilómetros quadrados para uma população de cerca de sessenta milhões de almas, quere, a todo o transe, saborear, um gômo... pelo menos.

É a Mandchuria a parte apetecida. Conquanto, sob o ponto de vista politico, esta provincia esteja, de facto, mas não de direito, independente da Republica Chinesa, com a agravante da parte Sul estar sob a influencia do Japão, a verdade é que a Mandchuria é China, mas China em absoluto.

O povo chinês é de tal forma tradicionalista e de tão arreigadas convicções que, não obstante as divergências intestinas terem dividido a parte Sul da parte Norte da Nação, esta para os tradicionalistas e aquela para os revolucionarios que odeiam os estrangeiros,—forma uma especie de bloco de união sagrada e declara, terminantemente, morrer até o ultimo homem para a defesa sagrada da integridade da Patria.

É justo e é louvavel. Conquanto consideremos a vastissima Republica do Extremo Oriente em menos avançado estado de civilização, mercê do seu espirito de tradição que, em boa verdade, temos de respeitar, e muito embora tivesse sido, em recuados tempos, a mais florecente civilização do globo, não há argumento, por mais subtil, que nos permita invadir a casa alheia, quando os seus inquilinos, em nada encomodando a vislhança, se sentem felizes adentro do regimen em que vivem.

Além do mais, a China já não é, de facto, aquele País que, encerrado nas suas torres de porcelana, constituia impenetravel misterio aos estrangeiros. O seu comercio e a sua industria desenvolveram-se. As suas grandes culturas, o chá, o arroz,

(Continua na 2.ª pagina)

POR ESPINHO

Não queremos naturalmente, avivar, com nova acha, as cinzas quentes da questão que está dividindo Espinho. Sobejamente conhecida, como é, fastidioso seria recuarmos aos seus inicios. Diga-se, apenas, de passagem, que os campos se encontra opostos desta maneira: de um lado a Empresa Espinho Praia; do outro, o Chinês e Manuel Joaquim. Esta õnião, há coisa de cinco anos atrás, era um Impassível. Mas tudo, enfim, é possível... nas passagens desta vida.

Existem, pois, dois campos: um, o do estacionamento. Outro, o da expectativa com aspirações de progresso. Ambos têm prestado as suas provas. Quanto ao primeiro sabemos perfeitamente o quanto a sua acção tem beneficiado Espinho; na mais lata das expressões não podemos dizer senão: Nada. Mas concretisemos:—Que tem feito o Sr. Manuel Joaquim em dezenas de anos, na sua pretensão de comando, em prol de Espinho? Nada absolutamente. Nada. Há por aí alguma obra que ateste o seu espirito de progresso ou o seu sacrificio de alguns miseraveis escudos?

Não. Não há. Quanto ao Chinês encontra-se em plano secundario na questão. Sem as pretensões bulofas de Manuel Joaquim, o Chinês viu-se envolvido no conflito travado que poderia ter tomado uma directriz muito diferente se amigos, embora bem inten-

cionados não surgissem a aconselhar resistencias em vés de aconselharem harmonia. Se assim succedesse Espinho, seria hoje qualquer coisa de muito interessante no núcleo das praias portuguesas, ou, então, chegar-se-ia á conclusão de que a Empresa Espinho Praia era incapaz de cumprir aquilo que prometeu. Na situação, porém, em que as coisas se encontram, o ataque sistematico de que a Empresa Espinho Praia se encontra falha de recursos, morre, miseravelmente, pois o ambiente que tal sistema de ataque representa, não deixa que se prove se os recursos existem ou não existem. Oficialmente e mesmo após a sindicancia que lhe foi provocada, a Empresa, responde, airocamente, que os tem. Temos, pois, de concluir, que os possui, pois que, oficialmente, o prova. E temos de levar á conta de intriga que os não têm, pois os seus detractores não o provam, nem o deixam provar.

Não se julgue que vimos aqui advogar a causa da Empresa. Não fazemos das colunas do nosso jornal tribuna onde se defendam os interesses privados de quem quer que seja. O que queremos, unicamente, simplesmente é a defesa dos interesses da terra. É essa a que nos interessa, é essa a que interessa a Espinho inteiro. O povo está cansado desta

(Continua na 2.ª pagina)

A Associação dos Comerciantes do Porto e o Jogo

É tão absurdo e desconchavado o protesto desta Associação contra a prorrogação do funcionamento das zonas de jogo temporario que vamos indagar que misterioso motivo impeliu a sua direcção para tão insolita e isolada atitude.

Começa no seu protesto por fingir que desconhece o papel da fixação que desempenham os casinos instituidos pela Lei de Regulamentação, e, coisa extranha, até agora nunca protestou contra aquilo a que se tem chamado jogo—o quino—que durante tantos mezes foi a vergonha do Porto.

Tampouco pr-testou contra a tão publica pretensa criação de uma zona permanente na Foz, que a propria Regulamentação não podia admitir.

Nunca ninguém se lembrou de dizer que o funcionamento do casino do Estoril era pernicioso aos comerciantes de Lisboa, zona que dista daquela cidade o mesmo que Espinho dis-

ta do Porto e com muitos mais e mais rapidos transportes.

É que toda a gente sabe, menos a Associação dos Comerciantes do Porto, que o que é pernicioso e foi isso que levou o Governo a regulamenta-lo, é o jogo clandestino; que ela muito bem sabe (e se não sabe que pergunte a esses comerciantes que, segundo o seu protesto, vão procurar no jogo o equilibrio dos seus negocios) que o jogo clandestino surge, porta sim, porta não, quando fecham os casinos ainda em condições de prosseguimento no desempenho do papel para que foram creados pela Lei. Acresce ainda salientar que a crise de que fala o famoso protesto também atingiu o comercio de Espinho que muito perde com o encerramento do casino local, cujas receitas seguem o curso dos seus estabelecimentos na sua quasi totalidade, alemdo consequente agravamento do desemprego.

Para não termos de voltar do assunto, aconselhamos a Direcção da Associação dos comerciantes do Porto a ler, com atenção, o nosso editorial de hoje.

POR ESPINHO

questão que ameaça eternisar-se. A vila, inteira, sofre com este estado de coisas. E uma vés que aos nossos frágeis hombros erguemos o fardo de sermos o porta-voz das justas a-pirações locais, havemos de o conduzir ao terminus muito embora a nossa atitude, por mal compreendida, nos possa alienar quaisquer simpatias.

Sabemos, e muito bem, que nos considera, uma pequena minoria, afecta, mas incondicionalmente, á Empresa. E' um erro, mas apenas naquilo que possa significar o incondicionalmente. Quanto a tendencia, hoje neste mesmo logar o dissemos, existe. Mas não incondicional. Apenas adentro daquilo que reputamos justo Dentro daquilo que a nossa consciencia nos indica. E a nossa consciencia, a nossa apreciação dos factos, indicam-nos que, se alguma coisa de novo, de bom, de util para Espinho póde surgir, da Empresa Espinho Praia nos chegará um dia. E dizemos isto po que, como todos o sabem, da parte que lhe está oposta, a Espinho, colectivamente, ajuda não beneficiou de coisa alguma.

As coisas são o que são e as coisas são como o estimos dizendo. Assentamos na base segura do exemplo do Passado, que é a mais firme.

E quanto á especie de garantia do Futuro que se nos radica na alma não se julgue que a temos por excepcional persciencia, mas sim, apenas, na lógica dos factos que nos apre-se tam. Senão vejamos:

De tira-nos a Empresa Espinho Praia, que para este efeito procuramos, que, a despeito da sua boa vontade e do seu ceber, não tem podido cumprir o expresso na lei em virtude da dança das expropriações que tem sido concedidas e recusadas e que de u gentes passaram a ordinarias, sem, mesmo assim, terem tido, até agora, qualquer finalidade.

Entretanto a Empresa não se tem limitado ao pagamento dos seus naturais impostos au Governo. No intuito de manifestar a sua simpatia pela nossa terra, dispendeu, voluntariamente, até hoje, uma importância de 500 contos a que nada a obrigava.

Essa importância que a Empresa aqui gastou foi empregada em Jiros aos Pobres, Ginkanas, Bôdo aos Pobres, Festas a Santiago, Festas de Bene-

ficiencias e outras, construção do Coreto e retraites publicas, jardim do largo da Igreja, contribuição para o Monumento, Candieiros da iluminação publica, Concurso dos Cartazes da Propaganda de Espinho, Beneficiencia, Obras da Igreja, Passelos, Cais da C. P., Campo de Aviação, etc., etc.

Para que não possam suscitar-se duvidas, quanto á importancia mencionada e á sua applicação, a Empresa declara-nos que está á inteira disposição de quem quer que seja para demonstrar o que afirma.

A parte oposta opõe já este argumento: Mas aquilo é um negocio de jogo e o jogo dá muito. (Dá muito mas aqui ninguém o quiz enquanto a Empresa não surgiu a salvar-nos como Zona de Turismo e Jogo). Pode dar. Não o sabemos. A verdade, porem, é que Espinho, teve, durante muitos anos, jogo tolerado e não consta que, voluntariamente, nenhuma das casas que exerciam esta industria, desse o quer que fosse a não ser muito solicitado e mesmo assim em exiguas quantias.

Ah! Mas a Camara recebia (olhem os ultimos anos) coisa parecida com 120 a 180 contos por ano, e a Empresa declara que o montante que já paga ao Estado no fim da época corrente, é de mil contos.

Mas esses não vieram para a Camara e, portanto, para a terra, insistirão os irreductiveis.

A culpa, porem, não é da Empresa. E' da Lei que regulamentou o Jogo. Se não fosse esta Empresa, seria outra, estranha ou local, que pagaria o mesmo, unicamente o mesmo que esta pagou. Com uma agravante. A outra concessionaria a exemplo do que estamos vendo nas outras zonas não gastaria voluntariamente, visto que nada a isso a obrigava, a importância de 500 contos que a Empresa Espinho Praia gastou em Espinho.

Depois do exposto, e uma vés que se avaleie o espirito que anima a Empresa pelo dinheiro que tem dispendido, por motu proprio, é natural e logico, que dela esperemos beneficios maiores do que aqueles que já proporcionou e do que aqueles que a Lei lhe impõe.

Assim o julgamos e assim o é. A falta de espaço não nos permite tratar de uma só vez o assunto. A ele voltaremos, porem, porque as coisas têm de ficar colocadas no seu logar.

DE TUDO UM POUCO

A morte do conhecido desportista Pepe, pelas tragicas circunstancias em que se deu, veio trazer-nos a imperiosa necessidade de purificar a vida de falsificações que temos vivido, sempre na incerteza de que o bocado que ingerimos para trazer de pé o corpo humano, seja precisamente aquele que ponha o ponto final no periodo do trecho que nos diz respeito.

Não foi só em Lisboa e no Porto que a repressão aos falsificadores se fez sentir.

Aqui em Espinho, terra que gosa da fama de ser um Eden, tambem foi feita uma rigorosa fiscalisação, que deu em resultado a apreensão de certos generos que pela sua impureza, pela sua putrefacção vão levar os seus vendedores a prestar contas ás justicas do nosso Paiz.

Ha p rem nm facto que, no meio de toda e ta serie de apreensões, nos surpreendeu!

Depois de tanta celeuma, de tanta empenhoca, e depois ainda da p unca que applicou a alguns comerciantes, o fiscal da lei foi, com desassombro, fazer uma conferencia, bem reclamada, por signal, precisamente no seio da colectividade que mais prejudicou.

Não queremos de maneira nenhuma deixar supor que foi por receio que aproveitou as salas d'essa colectividade, mas, ha mal intencionados que já bolsam o veneno da insinuação quasi a deixal-a cahir como em cêsto furado.

Não nos interessam essas insinuações, mas o que nos occorre dizer é que a conferencia deveria ser publica.

Desta fórmula o mais interessado, que é o consumidor, ficaria a saber de quanto é capaz o seu semelhante, e o conferente ficava com a satisfação de que tinha empregado o melhor do seu tempo com proveito, ao passo que assim, deve ter ficado na duvida.

Será? Não será? E' o que veremos mais tarde.

(Reporter de K. (interino))

GAZETILHA O Fado

O Fado veio a Espinho Ao colo da Ercilia Costa, Que o trata com tal carinho, Que cada vés mais se gosta De ouvir a Ercilia Costa Cantar o Fado em Espinho!

Imprime-lhe tal meiguice E fervoroso cuidado, A voz da Maria Alice, Que ouvindo-a cantar o Fado, Não houve um só desgraçado Que á Desgraça não sorrisse!

Cecilia em voz maguada, Tanto as almas nos prende Na sua triste toada, Que a terra se fêz um céu Onde a nossa alma ascendea, P'io sentimento levada.

Z.

CARTEIRA

FAZEM ANOS

—Hoje, a menina Maria Ode-te, filha do nosso presado amigo e assinante Ex.mo Sr. Francisco Lopes Guimarães.

—Tambem hoje, a Ex.ma Sr.a D. Maria Angelica Cancela Loureiro da Silva e o Ex.mo Sr. Pedro Loureiro da Costa.

—D'a 17, o nosso amigo e assinante, Sr. João Pinto Guimarães, e a menina Joaninha, filha do presado assinante Ex.mo Sr. Tenente Miranda Braga.

—D'a 18 o Sr. David Luiz de Figueiredo, e M.lle. Ligia Lacerda.

—No mesmo dia, o Sr. José d'Oliveira Lima.

—D'a 19, os nossos amigos e assinantes, Exmos. Srs. Joaquim Moreira da Costa e Mario Valente.

—D'a 20, a Ex.ma Sr.a D. Elvira Campos Pinto d'Almeida

—D'a 21, a menina Alfredina, filha do nosso amigo e assinante, Ex.mo Sr. Joaquim Figueiredo.

PARTIDAS E CHEGADAS :

—Retirou para o Porto, o Ex.mo Sr. Dr. Vitorino de Magalhães e Ex.ma Esposa.

—Para Lamas, Paços de Brandão, Ex.mo Sr. Antonio d'Oliveira Alves e Ex.ma Familia.

—Para Albergaria-a-Velha, o Ex.mo Sr. Dr. José Homem Correia Teles de Albuquerque.

—Para Oliveira de Azemeis, a Familia do Ex.mo Sr. Visconde de Souto Redondo.

—Para Lisboa, com demora de alguns dias, o nosso amigo Sr. João da Silva Morato.

—Estevê nesta Praia o Ex.mo Sr. Dr. Francisco de Menezes Cordeiro, distinto advogado em Macedo de Cavaleiros.

DOENTF:

—Encontra-se doente a Ex.ma Sr. D. Maria Luiza Salgado

d'Albergaria esposa do nosso presado amigo Ex.mo Sr. Alfredo Augusto Soares d'Albergaria.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

CORRESPONDENCIAS Silvalde

Tem andado por aqui uma comissão composta por pessoas competentes e de reconhecida probidade a medir a area de todas as propriedades.

E' uma medida acertada essa porque vem pôr termo ás inumeras irregularidades existentes nos cadernos da Matriz, algumas das quais já aqui tem sido apontadas.

Procedendo assim, os nossos dirigentes mostram á evidencia que os anima o espirito da equidade, porquanto a missão dos comissionados não é mais nem menos do que debelar um mal tremendo e complicado que já vem d'antanho e por cousas nos seus devidos lugares.

—Peorou dos seus padecimentos o nosso presado amigo sr. padre Joaquim Soares Albergaria, irmão do saudoso Vigario Manuel Soares Albergaria.

—Devido a um lapso de revisão, o primeiro periodo da nossa Correspondencia anterior, saiu falho de sentido.

Assim onde se lê: Do «João Semana», interessante semanario que se publica em Ovar, chamamos á atenção dos nossos dirigentes, deve lêr-se: Do «João Semana», interessante semanario que se publica em Ovar, respigamos o seguinte trecho para o qual chamamos á atenção dos nossos dirigentes.

Assim é que está certo. —Depois de uns dias de chuva impertinente e de vento por vezes furioso, voltou o tempo calmo.

—Talvez comece agora o verto de S. Martinho, segundo a astronomia popular.

GRÓNICA DA SEMANA

(Continuação da 1.a pagina)

o algodão, a cana do assucar e o trigo, constituem importantissimas riquezas. Pela sua grande abundancia de amoreiras coloca-se, em primeiro plano, nos países productores da seda. Possui jazigos consideraveis de carvão, ferro, antimonio e cobre e mesmo chumbo. A extração destes minerios impôz industrias que vão dos altos fornos para, preparação do aço até ao ferro assim como os seus produtos agrícolas lhes fêz crear fabricas de nome para as suas sedas e algodões. Detzamos de mencionar ás porcelanas e o papel que, pela fama universal que possuem, dispensam quaisquer elogios.

E' esta prodigiosa riqueza que

o Japão pretende atacar, com aquele simples argumento do pobretão que não pôde levar, a bem, que um homem opulento oiva, satisfeito, em franca mediana. Atraz do mal oculto intuito, vê-se, claramente, um interesse comercial e industrial, cioso da prosperidade alheia ou receioso da sua concorrencia. O Japão cobre-se com o manto protector da Inglaterra. A China, por seu turno, deixa transparecer a protecção da Rússia. Uma guerra sino-japonesa significa a reprise da Conflagração de 1914. Sob pretextos diferentes os fins obedecem ao mesmo mobil. Os interesses comerciais. Para que estes vinquem, milhões e milhões de homens terão, agora, de perder as vidas em holocausto ao mon-

da Guerra.

A Sociedade das Nações, sentinela que a Humanidade collocou no seu posto de delicada vigilancia, hesita, titubia, e, quando a fogueira de ouões estiver tão acesa que os teóricos extintores da Paz a não possam apagar, ha-de acabar, pela voz dos seus representantes, de levar ás chamas da guerra os povos que os elegeram para que a paz eterna fosse mantida.

E digam-nos agora, diante desta ameaça sino-japonesa, se aquela Sociedade das Nações não é um «pagode chinês» entretido em «chinezisses»...

João do Norte

Lêde e propagai

«O Jornal de Espinho»

CORRESPONDENCIAS

Esmoriz

ESMORIS 6

Já aqui dissemos que tinhamos dois talhos, que nos estavam fornecendo boas carnes e por preços muito razoáveis.

Pois vamos ter mais um que deve abrir pela primeira vez no proximo domingo. Segundo nos informam, os donos dos outros resolveram baixar os preços das carnes, desde esse dia, um escudo em quilo. Estou a ver que vamos ter a pataco...

O dia de S. Martinho era, em tempos idos, ruidosamente celebrado acolá, na nossa Paróquia. Agora parece... que se vai e clipesando... E não deixa saudades, diga-se de passagem.

A obra de construção da estrada que passa aqui pela frente do sul da nossa casa, vai caminhando e não podemos deixar de escrever que fica muito acertada e digna de elogios. Pena é que não avance até, pelo menos, ao alto do Campo Grande. Mas esperemos, que Roma e Pavão não se fizeram num dia.

Se se tivesse olhado para esta terra, como agora parece estar-se olhando, quantos trabalhos, quantos dispendios, quantos dissabores e desgostos se teriam evitado! De quem a culpa de tudo isso?

Todos o sabem e não é prudente escreve-lo aqui. No entanto que vá a quem pertence a responsabilidade de tudo.

E não ponhamos mais na carta porque não é preciso. A bom entendedor meia palavra basta.

Mas... é preciso não esquecer que uma das maiores aspirações e desejos do povo d'Esmoriz é que a sua freguezia seja iluminada a electricidade, como o estão sendo as freguezias que cercam o concelho por todos os lados. Vendo-as iluminadas e a nossa as escumas os nossos clamores não podem deixar de ir a cada passo, se erguer. Todos os sabem e todos o afirmam que se continuassem no concelho d'Espinho, já há muito estavam, gozando esse grande melhoramento. O material da iluminação de Paranhos estava armazenado a espera de ser montado aqui. Isto é sabido e repetimos vezes sem conta por toda a gente. Por tanto e para que tais clamores cessem, cuidem, e quanto antes, de nos trazerem para a electricidade. Olhem para o cabo do «Lindoso» passa ali em baixo, a uns centos de metros da nossa habitação e o do «Varosa» já chega a iluminar a primeira casa... da nossa freguezia, a do Sertão Monteiro. Vamos mãos à obra. Quem se obriga a amar, obriga-se a padecer.

Portanto que o illustre Magriço se não esqueça dos direitos e regalias da sua grande dama, Esmoriz, que prometeu defender... de armas em lista... com toda a coragem e com toda lealdade... de cavalheiro-brazonado...

Se o tempo o permitir, saem no proximo domingo pela freguezia a fazer o seu peditório do costume, as nossas Irmandades. Que sejam bem recebidas por todos.

No domingo passado realizou-se na capela desta freguezia o Sagrado Luperone mensal e na segunda feira a Comemoração dos Fieis Defuntos como nos anos anteriores. O nosso cemiterio apresentou-se lindo, admirando-se nele, aqui e alem, belos exemplares de crisantemos e dalias coches.

Um encanto, não resta duvida, demonstrando a grande piedade que este povo tem para com os seus mortos. Muito bem.

C.

Anta

Como já é do conhecimento publico, deu-se no passado dia 5 do corrente, no lugar de Esmoriz, um grave desastre num poço, que ia custando a vida a um pobre operário, se não fosse o rápido socorro prestado.

Como o caso relatado nos jornais do Porto, fosse um pouco confuso, vamos relata-lo nestas colunas com todos os pormenores, dando o seu... a seu dono.

O operário que se chama José Alves d'Alem, de 58 anos, foi chamado pela Sr.ª Maria d'Alem para fazer limpeza a um poço desta tendo ele accedido, não se fazendo esperar o inicio dos trabalhos e assim no dia acima mencionado, pelas 14 horas, munido de uma escada rolante deu o principio, até que num dado momento, as paredes do aludido poço desmoronaram-se, soterrando o pobre operário com o entulho aluido, numa espessura de dois metros.

Dado o alarme que o caso requeria, compareceram prontamente as brigadas corporações dos Bombeiros Voluntarios de Espinho e Espinhenses, que auxiliados por varios populares, procederam então aos trabalhos de salvamento.

Como os trabalhos pareciam, um tanto morosos, foi mandado chamar o Sr. Joaquim da Silva Valente (o linela) homem que apesar de novo ainda, tem bastantes conhecimentos práticos, não se fazendo esperar, o qual depois de montar um «Sarrilho» desceu rapidamente ao poço para retirar o entulho, sendo coadjuvado ainda nesse serviço por o Sr. Joaquim Parente, Antonio de Oliveira Marques e os Bombeiros até que ás 17.30 encontraram o homezinho mergulhado em água até aos hombros, entalado entre tres enormes calhaus, mas com vida ainda.

Se não fora a escada de que se munido, ter ficado a través do poço, e nesta posição ter aguentado o entulho desmoronado, concerta que teriamos de registar uma morte certa.

Merecem especial destaque nos serviços de salvamento, os que foram prestados pelo Sr. Joaquim da Silva Valente, que se não fora a energia com que affrontou o perigo, ter-se-hia dado o inevitavel desenlace.

Actos desta natureza merecem ser recompensados, por quem de direito.

Causou aqui a mais viva satisfação, as noticias vindas em Comercio do Porto de 6 e 11 do corrente, dando nos conta de dois subsidios de 13.481\$89, concedidos pelo Ex.º Ministro do Comercio á Camara Municipal de Espinho, para a reparação da estrada municipal de Espinho-Anta-Nogueira da Regedoura, reparação esta orçada em 26 963\$70.

Por varias vezes aqui fizemos sentir a necessidade que havia em reparar a estrada citada, sentindo-nos orgulhosos pelas

nostras palavras, terem merecido a compensação devida, e se não fora o grande esforço e boa vontade dos homens a quem estão confiados os destinos desta terra, concerta que não seriamos beneficiados tão cedo, com este melhoramento, ambientado por todos os Antares.

Cabe-nos agora a vez de dizermos, que a Dig.ª Comissao Administrativa da nossa Camara tem trabalhado afincadamente, no sentido de dotar as suas freguezias, com os melhores utos que elas tanto necessitam, mas se alguma delas carece de muita coisa, ficará em primeiro plano a freguezia de Anta, que alem de ser das mais ricas e mais populosas, tem sido a menos beneficiada.

Bem ha-lam pois, aqueles que desinteressadamente pugnam por o progresso desta laboriosa aldeia, que até aqui esteve lançada a um completo abandono.

Principiamos hontem, a continuar, hoje e amanhã, as festas em honra de S. Martinho, havendo a acrescentar ao programa que temos no primeiro numero, a exhibição de duas danças, uma do lugar do Souto e outra de Espinho, que vão fazer reviver os costumes antigos e os canticos regionais, tendo sido os trabalhos rapidos submetidos a ensaios consecutivos, razão por que devem agradecer plenamente.

Para dar inicio ao Campeonato districtal, deslocam-se hoje a Ovar as 1.ª e 2.ª categorias do Imperio Anta, onde vão enfrentar iguais categorias da Associação Desportiva Ovarense, actual Campeão do Districto.

Oxalá que a estreia dos nossos representantes do jogo da bola, na Divisão de Honra, lhes acarreie um resultado que os honre, não só a eles, mas também a terra que eles representam.

C.

Agradecimento

Manuel de Oliveira e Maria Fernandes protestam por este meio o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que se interessaram pelo estado de seu saudoso filho, Joaquim Fernandes de Oliveira, quando doente, e a todos que tomaram parte no seu funeral assistiram à missa de sufragio, ou lhes enviaram condolências.

A todos patenteiam a sua gratidão.

Espinho, 10 de Novembro de 1931

Gratias

As «gratias» são aqueles antipáticos bicharocos que, do honito fazem feio, do preto branco, dam rido ao pobre, dam catão lim e cetro, dam diamante um tifofo. São mais nefastas na sementeira das letras, que os gafanhotos no Egito!

Ora valha-nos Deus!

Farmacias

Esta de serviço hoje a Farmacia Rocha Rua 19 Espinho.

Desporto

Arrematação

Es. pinho 3 Ovarense 3

No desporto desforra, realizado no passado domingo 1 do corrente em Espinho, entre estes dois grupos, registou-se um empate de três bolas, não tendo terminado no tempo regulamentar devido ao grupo de Ovar ter abandonado o terreno de jogo, visto não querer acatar uma decisão do arbitro.

A sua retirada foi infeliz por diversos motivos. Primeiro, alguns jogadores de Ovar viram muito bem que um seu defeza defendeu a bola com as mãos, motivo mais que sufficiente para não abandonarem o campo, visto aquelle ter incorrido numa grande penalidade; segundo, não sabiam ainda qual a decisão tomada pelo arbitro, visto este ainda não se ter pronunciado; terceiro, não deviam ter feito por razão a que cabem em toda a parte.

De bom só temos a registar a attitude tomada por dois jogadores do Ovarense, quando da retirada do seu grupo.

São eles Americo Melo e Parer, que se conservaram em campo até que o arbitro os autorizasse a sair, mostrando com o seu modo de proceder que ainda conhecem as regras do bom desportista.

Hoje jogam no Campo da Avenida os 1.ºs e 2.ºs grupos da A. D. Sanjoanense e Sporting C. de Espinho, para inicio do Campeonato Districtal.

Os jogos terão inicio ás 13.30 e 15 horas respectivamente.

Tambem para inicio do Campeonato Districtal da Promocão, deslocam-se a Ovar o Cruz de Cristo F. C. de Espinho, que jogará com o Alliança F. C. de Ovar.

Barbearia

Essa-se tem a freguezia.

Falar a Delfim C. R.

Vende-se Um grande terreno. Diversos caixilhos e portas. 4 p.lares de pedra lavrada. 1 columna de pedra lavrada. Fala-se na Agencia Ramos.

A CRISE MUNDIAL

As donas de casa precisam defender-se e a grande Pensão Almosa promete auxilia-las servindo refeições no domicilio com o seu bom tratamento e a preços razoaveis.

Informe-se V. Ex.

Professor Diplomado

Habilita para o exame de instrução primaria e leciona os primeiros anos dos liceus, em sua casa e na dos alunos. Falar: Rua 12 N.º 1124. Espinho.

(1.ª publicação)

No dia 29 de Novembro corrente, por 12 horas, a porta do Tribunal Judicial desta camara; vão pela primeira vez a praça dois predios penhorados aos executados Carlos Maria Fernandes, Pereira e mulher Ana Maria Fernandes Pereira, de Espinho, nos autos de execução de sentença que lhes move Joaquim Martins da Silva Teixeira, farmacutico, da, a saber: 1.º Um predio formado por duas assobradadas em forma de chalet, com quintal, sito na rua 29, n.º 6, em Espinho, sendo a base da licitação 33.000\$00. 2.º Um predio formado por casas e terreas, sito na rua 6, em Espinho, sendo a base da licitação 10.000\$00. No mesmo dia, pelas 14 horas, no Café da Praia, em Espinho, se procederà a venda, em almôeda, de um bilhar marca Progredior, armação envidraçada, balcão, duas montras, mesas de marmore e outros móveis que nesse acto serão vendidos e penhorados aos executados no referido processo. E o depositario de todos os bens Antonio Ferreira da Silva, casado, proprietario, de Espinho. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem seus direitos.

Fernando de Novembro de 1931

Antonio Soares da Voca Verifiquei e O Luiz de Direito

Ao Comercio

Manuel Fernandes da Silva declara que comprou ao Sr. Adriano José Fernandes a loja da rua 8 n.º 920 com o activo.

Declaração

Domingos Martins Duarte, comerciante estabelecido na rua 8 n.º 755 desta vila, declara que seu irmão Francisco Martins Duarte deixou de fazer parte da firma que guaya sob razão social de Martins, Duarte & Irmão, desde 14 de Outubro do ano corrente, ficando a seu cargo todo o activo e passivo da firma.

Desde essa data, não se responsabilisa, o signatario por qualquer transação que não seja firmada por si.

Espinho, 11 de Novembro de 1931.

Domingos Martins Duarte

Rei de Paus

Lenha para fogão 15 kg 1860. Lenha para forno 15 kg. 1850. Estancia: Rua 62, (Passo Ategre) 130.

GRANDE CASINO DE ESPINHO

ABERTO DE 1 MAIO A 31 DE OUTUBRO

COLEGIO DE S. LUIZ

PRAIA DE ESPINHO

PROPRIEDADE DO COLEGIO DOS CARVALHOS

Curso Primario, Curso Commercial, Curso Geral dos Liceus

Ensino ministrado por professores diplomados do ensino livre.

EDUCAÇÃO MORAL CATOLICA

Educação fisica dirigida por medico competentissimo

Colegio de estação maritima, especialmente destinado a meninos que tem necessidade de viver em clima á beira-mar

Alimentação abundante e esmerada

Admite alumnos internos, semi-internos e externos.

ABERTO EM 12 DO CORRENTE MEZ.

Pedir prospectos á DIREÇÃO

Tipografia Moreira

Rua 21 N.º 468 Espinho

Impressão de gravuras a côres, Jornais, Revistas, Livros, Cartões de visita, etc.

Trabalhos comerciais em todos os generos, com a maxima rapidez

TRABALHOS A ALTO RELEVO

Se for a Lisboa

Visite o **BRISTOL** (Dansing)